

CARTOGRAFIA DAS TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS DOS *SLASHERS* NA CONTEMPORANEIDADE À LUZ DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO

Eduardo Lima¹

Ana Cristina Batista dos Santos²

Patrícia Passos Sampaio³

INTERESSES, ESTÍMULOS E PROVOCAÇÕES INICIAIS

Assim como Pereira (1990), concordamos que o homem é um ser que busca sentido para si e para o contexto em que se vê inserido. Trazendo esta discussão para o mundo laboral, observamos que o trabalho se caracteriza em termos de categoria social, como fonte de identidade e tem que fazer sentido para os trabalhadores, revelando histórias de sujeitos que constroem suas trajetórias de vida e profissional entre caminhos e descaminhos, avanços e recuos, elaborando no próprio fazer humano um campo de descobertas de si e reforçando a centralidade do trabalho na vida do homem

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade Nova de Lisboa. <http://lattes.cnpq.br/0461401932690746>. <https://orcid.org/0000-0001-8785-8074>. educl.lima@gmail.com. Endereço para correspondência: Não fornecido. Telefone: Não fornecido.

² Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará. <http://lattes.cnpq.br/3198136796795693>. <https://orcid.org/0000-0001-8838-6937>. ana.batista@uece.br.

³ Doutora em Saúde Coletiva pela Saúde Coletiva pela Ampla Associação UFC-UECE-UNIFOR. Professora Titular da Universidade de Fortaleza. <http://lattes.cnpq.br/4685622078819075>. <https://orcid.org/0000-0002-4706-1201>. patriciap@unifor.br.

(Kantorski, 1997; Antunes, 2009; Dejours & Deranty, 2010; Alcadipani & Medeiros, 2016).

São inegáveis as profundas transformações no mundo do trabalho, fortemente vivenciadas a partir dos anos 1970 que mudaram, supostamente, a visão dos trabalhadores sobre ter um emprego estável e permanente (Arruda, 2011; Kanan & Arruda, 2013). A propósito, pensamos ser possível tratar a expressão “mundo do trabalho” de outra forma, uma vez que é a capacidade de trabalhar e de produzir pelo uso da força de trabalho que formam a noção de mundo para o trabalhador e não o trabalho em si.

Christophe Dejours (1992, p. 99), precursor da corrente teórica da Psicodinâmica do Trabalho – ou apenas “PdT” – traduz bem a importância do trabalho na vida dos sujeitos ao afirmar que “não é só um modo de ganhar a própria vida, é um status social [...], uma atividade, uma fonte de interesse, um *savoir-faire* [...], um meio de desenvolvimento”. Ainda na perspectiva *dejouriana*, também consideramos que “o trabalhar” pressupõe aspectos subjetivos e não apenas a objetivação ou o resultado do trabalho em si. Logo, pensar em tudo o que circunda esse fenômeno e não somente o que se produz “a partir de” é o que mobiliza nosso interesse investigativo sobre os processos de formação de sentido do trabalho para trabalhadores contemporâneos.

E esses sujeitos parecem encontrar sentido organizando e praticando “o trabalhar” de múltiplas formas, com criatividade, inventividade, acumulando e atuando em diferentes frentes ao mesmo tempo. São profissionais que participam de uma chamada geração *slash* (Eugenio, 2012), que ganhou esse nome devido ao sinal gráfico da barra diagonal (/), em inglês. O *slasher*, naturalmente integrante dessa geração, pode ser: médico/cantor; advogado/fotógrafo/escritor; bancária/confeiteira ou o que ele quiser alternando entre o que gosta e o que precisa fazer (Alboher, 2012). No entanto, propomos investigar esses trabalhadores como sujeitos-participantes que se

identificam com um “fenômeno *slash*”, fugindo das possíveis discussões geracionais que a expressão “geração *slash*” poderia ocasionar.

O acúmulo de atividades de forma simultânea não parece ser um aspecto exclusivo dos tempos atuais, sendo provável perceber essa prática em outras épocas por parte de alguns trabalhadores. O que nos atrai relativamente ao fenômeno *slash*, são as astúcias e os desdobros de um trabalhar sob a lógica de “se virar”, como sugere Eugenio (2012), de sujeitos que parecem escolher se reinventar a si próprios e aos seus percursos profissionais por meio desse modo salteado e fragmentado de construção de carreiras. Sujeitos que descontinuam suas *timelines* de trabalho em situações diversas e sugestionam camadas de um fenômeno que parece se desdobrar em tantos outros.

Desse modo, estamos interessados em conhecer os detalhes dessas dinâmicas e do que circunscreve “o trabalhar” desses profissionais, refletindo numa compreensão maior sobre o que há de mais subjetivo e particular sobre construção de carreira e experiências profissionais na contemporaneidade, no contexto do fenômeno *slash*. Para isso, utilizamo-nos da instrumentalidade das entrevistas em profundidade, das anotações no diário de campo e do método cartográfico como inspiração metodológica para produzir conhecimento a partir das nossas percepções, sensações e afetos compartilhados em campo e, ainda, observando esse objeto “de dentro” da pesquisa, construindo conhecimento “com eles” (Deleuze & Guattari, 1995; Romagnoli, 2009).

Tem-se, portanto, como objeto de estudo o fenômeno *slash* no contexto do trabalho contemporâneo. O nosso objetivo é compreender, à luz da Psicodinâmica do Trabalho, as características das dimensões que circunscrevem as trajetórias profissionais dos *slashers* na contemporaneidade, tendo como principal questão orientadora: como são construídas as trajetórias profissionais dos *slashers* à luz da Psicodinâmica do Trabalho.

A ABORDAGEM *DEJOURIANA* AO FENÔMENO *SLASH*: CONEXÕES POSSÍVEIS

Dejours (1992) foi um dos pioneiros a teorizar sobre as relações que ocorrem entre o trabalho e a vida psíquica dos trabalhadores com a publicação da sua obra “A Loucura do Trabalho” em 1980, revelando o sofrimento psíquico do homem causado, especialmente, pelos conflitos existentes entre a sua subjetividade e a organização do trabalho. O termo “psicodinâmica” surgiu da teoria psicanalítica e está orientado para os estudos dos movimentos psicoafetivos que são elaborados a partir dos conflitos inter e intrasubjetivos emergentes no trabalho (Assis & Macedo, 2008). Buscamos nos estudos de Dejours (2004, p. 53) o que ele afirmou ser a PdT, uma corrente teórica que “abre caminho para perspectivas mais amplas, que, como vemos, não abordam apenas o sofrimento, mas, ainda, o prazer no trabalho: não mais somente o homem, mas o trabalho nos detalhes de sua dinâmica interna”.

As décadas em que Dejours esteve dedicado ao estudo de trabalhadores que sofrem com o trabalho, revelam, por exemplo, a responsabilidade das organizações sobre os seus profissionais, com ênfase nos impactos que o trabalho tem na subjetividade da vida dos trabalhadores (Leclerc & Maranda, 2002; Debout, 2014; Dashtipour & Vidaillet, 2017). Dejours afirma que o trabalho, além de carregar aspectos utilitários, representa, para o trabalhador, uma forma de afirmar sua identidade e de sentir-se realizado e reconhecido (Oleto, Melo & Lopes, 2013; Guimarães Junior, 2017; Amaral *et al.*, 2017).

Dessa forma, percebendo a força das repercussões causadas pela dimensão trabalho na psique dos trabalhadores, a PdT busca compreender para além das aparências as vivências subjetivas dos trabalhadores e se dedica a estudar as articulações das inteligências singulares, passando do singular ao plural, do particular ao coletivo, o que possibilita o desenvolvimento das capacidades humanas e acesso à autonomia. Reconhecemos a relevância do aspecto da subjetividade de trabalhadores tratada por Dejours e por isso optamos pela PdT como lente teórica para compreender as

trajetórias e construções subjetivas dos *slashers* (Dejours, 2005; Ferreira & Mendes, 2012; Silva, Deusdedit-Junior & Batista, 2015).

Historicamente, a organização do trabalho considerada rígida e tradicional idealizada pelo modelo taylorista-fordista, pode ter entrado em conflito com a subjetividade dos trabalhadores. Pesquisar “o trabalhar”, sob a perspectiva da PdT, atravessa a ideia de que os trabalhadores enfrentam prescrições, procedimentos e instrumentos que podem ser manipulados por eles no ambiente laboral (Gomes Júnior, Lopes & Guimarães, 2015). Situamo-nos nesse contexto para tentar compreender a relação homem-trabalho (Leclerc & Maranda, 2002), investigando os *slashers* nessa conjuntura e considerando, principalmente, o que Dejours (2012a) chamou de real do trabalho, um espaço de incidentes, imprevistos, falhas nos sistemas técnico e pessoal, não cumprimento de ordens, resistências, acordos, desacordos, movimentos transitórios.

Vale destacar que para Dejours (2004) o trabalho ainda pode ser compreendido como um saber fazer, um engajamento do corpo e a mobilização da inteligência, destacando o aumento da capacidade de refletir, interpretar e reagir às situações, reinventando suas experiências nos espaços laborais. Orientados por esse pensamento, adentramos no mundo subjetivo das construções dos *slashers* para observar como esses sujeitos conseguem preencher, com inventividade e criatividade, as lacunas que existem entre o prescrito e o real através de suas novas maneiras de trabalhar, percorrendo caminhos que parecem ser inventados ou descobertos a todo instante por eles (Guimarães Junior, 2017), concordando com o pensamento de Ferreira, Martins e Vieira (2016, p. 40) de que “há sempre um hiato entre o prescrito e o real, convocando o sujeito a expressar criatividade, engenhosidade, podendo desenvolver sua inteligência e autonomia”.

Neste estudo, presumimos que é preciso inventar na atividade e fora dela, com manejos de sujeitos que tentam escapar das realidades organizacionais por eles tidas como duras, experienciando o que se configura ao longo de suas trajetórias

profissionais. E é a partir do corpo que experiência, portanto, que o trabalhar parece existir e mover os *slashers* na construção de suas carreiras. Esses trabalhadores assumem novas habilidades oriundas desse confronto com o real, como “resultado de uma elaboração da experiência subjetiva do corpo em luta com o real” (Dejours, 2012b, p. 366).

E é o corpo repleto de vivências e experiências que confere inteligência e criatividade ao trabalhador para encontrar alternativas de enfrentamento a possíveis situações de conflito no mundo do trabalho, fazendo desse trabalho um trabalho vivo (Dejours, 2012a). Esse já era um tema bastante discutido por Marx (1988), que atribuía o duplo caráter ao trabalho, qual seja o de “trabalho vivo”, caracterizado como útil, concreto e positivo e o de “trabalho morto”, estranho ao trabalhador, abstrato, contidos nas mercadorias, bens. Entendendo que “trabalhar é fazer a experiência do real”, é fundamental considerar as experiências como categoria central para tentar compreender o que mobiliza o “trabalho vivo” dos *slashers* na contemporaneidade (Ferreira, Martins & Vieira, 2016, p. 40).

As pesquisas de Ferreira, Macêdo e Martins (2015, p. 37) indicam que esse trabalho vivo está ligado a trajetórias experienciadas, o que nos ajuda a avançar na compreensão dos *slashers* que parecem se mobilizar subjetivamente para tentar encontrar sentido e qualidade no fazer, no trabalhar em diferentes atividades e contextos. Essas duas dimensões discutidas neste trabalho, quais sejam “trabalho vivo” e “trabalhar”, são, aparentemente, termos similares, mas observamos pequenas diferenças, como: o “trabalho vivo” está relacionado às habilidades que surgem a partir da experiência individual de cada corpo (Dejours, 2012a), e o “trabalhar” como forma de aprender e elaborar conjuntamente para depois consolidar regras práticas de ação aceitas por todos (Ferreira & Martins; Vieira, 2016).

Embasados pelo que disse Dejours (2012a), tomamos como pressuposto a ideia de que os *slashers* se descobrem e se situam no mundo do trabalho a partir do corpo que vive, no campo das experiências, nas múltiplas possibilidades que se formam antes de partir para a elaboração conjunta de forma coletiva. Supomos que os *slashers*, de modo geral, se descobrem no campo das experiências de forma individual, cada um vivenciando o que determinada atividade pode oferecer. Após esse período, é possível se juntar à coletividade e mostrar para o corpo social a sua atuação e entrega de algo.

Motivados pelo pensamento de Silva, Deusdedit-Junior e Batista (2015, p. 416), também acreditamos que uma organização sem flexibilidade, “onde não exista a possibilidade de se subverter o trabalho prescrito em um trabalho que permita o trabalhador fazer uso de sua inteligência, criatividade, variabilidade no modo de executar as tarefas”, pode gerar sofrimento para os trabalhadores. Por outro lado, mas nessa mesma perspectiva, um trabalho que não gera grandes demandas, mas exige a presença do trabalhador e a atuação de um papel de “fazer de conta que está ocupado”, também pode ser gerador de sofrimento (Dejours, 1992, p. 103). Parece que o desafio de explorar e compreender o mundo dos *slashers* está em garantir o movimento do pêndulo e considerar a análise da subjetividade e da objetividade, do trabalho tradicional e das novas formas de trabalhar, da possibilidade do mesmo ambiente de trabalho promover, por exemplo, prazer e sofrimento.

Outras dimensões também são teorizadas pela PdT, como a afirmativa de que é inevitável fugir do sofrimento no trabalho, visto que esse mesmo trabalho coloca o trabalhador diante do real, das incertezas, dos imprevistos. E esse sofrimento pode até ser relacionado a uma vivência de fracasso (Lima, 2012), mas alternamos, inclusive, o nosso fazer científico entre as tantas possibilidades do fazer humano desses sujeitos no contexto laboral, que reforçamos a ideia de que essas e outras dimensões podem surgir na etapa do campo, considerando um objeto que ainda está em construção

(Barros & Mendes, 2003; Assis & Macedo, 2008; Sousa & Batista-dos-Santos, 2017; Silva, 2017).

As obras e pesquisas de Dejours (1992; 1999; 2004; 2005; 2007; 2012s) defendem que é preciso observar todas as dimensões que circunscrevem o trabalho para tentar compreender a relação homem-trabalho e os seus movimentos psicoafetivos. Com isso, Dejours propõe a análise das i) dimensões de contexto: condições de trabalho; organização do trabalho; relações de trabalho e ii) dimensões de conteúdo: carga psíquica; prazer-sofrimento; saúde-adoecimento; estratégias de defesa. E alguns dos conceitos básicos de PdT, tais como: sublimação, ressonância simbólica, mobilização subjetiva, vivências de prazer e resignificação do sofrimento, reconhecimento no trabalho, processos identitários, criatividade e inventividade no trabalho.

De certo modo, consideramos o fenômeno *slash* como um movimento disruptivo, principalmente, quando observamos o protagonismo de sujeitos que decidem como querem construir suas carreiras. A ponderação de Dejours em relação ao mundo subjetivo dos trabalhadores norteará o nosso olhar diante dos *slashers* para tentar compreender as possíveis motivações que os levam a romper com os modelos tradicionais de carreira. Por isso a importância de observar esses sujeitos à luz da Psicodinâmica do Trabalho e as dimensões envolvidas na relação homem-trabalho propostas por Dejours.

Barros e Mendes (2003) afirmam que as dimensões de contexto são determinadas por questões ligadas a tarefa, ritmo, ambiente físico, equipamentos e material oferecido pela instituição, além das informações fornecidas para execução das tarefas, a comunicação e a relação entre os pares. A corrente *dejouriana* defende, ainda, que os possíveis conflitos resultantes das dimensões de contexto se manifestam “através de dimensões [de conteúdo], como: carga psíquica, prazer-sofrimento, saúde-doença, estratégias de defesa” (Sousa & Batista-Dos-Santos, 2017). É nesse ponto onde

dedicaremos atenção especial ao tratar dos *slashers*, observando, principalmente, a subjetividade da relação homem-trabalho, mas sem deixar de considerar a objetividade que as dimensões de contexto trazem para esclarecer as motivações que podem levá-los a romperem com os tradicionais modelos de carreiras.

Então, tomada a devida proporção da centralidade do trabalho na vida do trabalhador, ele pode ser entendido como “meio de descarga ou retenção de carga psíquica e em uma organização inflexível, [...] ou que impeça a satisfação da vontade individual, pode favorecer o adoecimento” desses trabalhadores (Guimarães-Junior, 2017, p. 48). E é nesse contexto onde o fenômeno *slash* parece surgir, a partir de insatisfações com os modelos considerados tradicionais, os *slashers* assumem o controle de suas trajetórias profissionais e optam, como sugerem Almeida, Eugenio e Bispo (2016), por parar e modificar o campo das vivências do corpo e acumular novas experiências profissionais e de vida.

Acumular e praticar diversas atividades ao mesmo tempo inevitavelmente requisita dos sujeitos uma múltipla atuação e autoafirmação enquanto sua identidade e representação profissional. Como discorreu Guimarães-Junior (2017), o trabalho deve possibilitar a construção de si enquanto processo identitário e a descarga de suas pulsões, estabelecendo o equilíbrio e a saúde mental. Mas como os *slashers* “acontecem” e “se comportam” nesse contexto onde o trabalho determina a sua identidade, uma vez que eles acumulam uma, duas ou tantas outras atividades ao mesmo tempo?

Para Sznelwar, Uchida e Lancman (2011), a constituição de uma profissão depende da possibilidade de fazer parte de um determinado coletivo e processo de identificação ao trilhar caminhos para a realização de si. Trabalhadores que são capazes de encontrar alternativas, rotas ainda não pensadas, que possuem a capacidade de emancipação, de

estabelecer resistências, de inventar e reinventar o cotidiano, de utilizar a criatividade para solucionar os desafios.

Fica ainda mais evidente as relações teóricas que vão se desenhando nessa pesquisa, considerando, especialmente, a PdT como perspectiva que coloca o trabalho no debate central, não ocupando um lugar periférico dentro do que se entende sobre construção da identidade do sujeito, com o trabalhador que se mobiliza em direção a algum objetivo. Amaral *et al.* (2017) defendem que a corrente *dejouriana* aborda três níveis de mobilização, quais sejam: i) mobilização da inteligência prática, em que o trabalho convoca a relação do sujeito consigo próprio e possibilita a expansão das capacidades; ii) reconhecimento no trabalho, que implica a relação do sujeito com o outro; e iii) contribuição do trabalho à cultura, implicando a relação do sujeito com a cultura e a civilização.

Caminhando para o fim da nossa abordagem teórica, Dejours discorre sobre a sublimação não como maneira de resistir às mudanças, mas deixa claro que é uma das formas possíveis do sujeito encontrar prazer no trabalho, mesmo em situações conflituosas, desde que as organizações deem espaço para a subjetividade do trabalhador. Considera, ainda, o trabalho como um ambiente de constante sublimação, funcionando como uma relação necessária, e onde ocorre o reconhecimento do trabalhador pelo seu trabalho, qualquer que seja a atividade exercida por ele (Guimarães-Junior, 2017).

Embora o objeto dessa pesquisa seja o fenômeno *slash*, as suas rupturas e as tentativas de atribuir sentido ao trabalho no campo das experiências e experimentações, vale ressaltar que não temos a intenção de criar nenhuma dualidade, sendo o trabalho tradicional um lugar só de dor e sofrimento e as atividades e ações dos *slashers* apenas prazerosas. Estas e outras dimensões, quais sejam: prazer e sofrimento, serão

consideradas, também, dentro do próprio fenômeno *slash*, tentando evidenciar outros aspectos desse campo ainda em construção.

JORNADA INVESTIGATIVA: O DESENHO METODOLÓGICO

Este artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla, qual seja uma cartografia sobre as trajetórias profissionais de 06 *slashers* das cidades de Fortaleza e São Paulo, durante dois anos. Para fins da produção deste texto, realizamos um recorte teórico-empírico sem comprometer o entendimento e a identificação particular que temos com a dinâmica *slash*. Começamos por reforçar que a pesquisa seguiu uma orientação integralmente qualitativa, desde a imersão na literatura até a análise dos dados coletados nas entrevistas em profundidade e nas vivências de observação entre pesquisador e pesquisado, entendendo a pesquisa qualitativa como um meio para a criação de conhecimento intersubjetivo e compreensivo que vai sendo construído com o próprio caminhar da investigação (Godoi, Mello & Silva, 2006).

Tentamos ser transparentes com os passos do nosso fazer científico e metodológico, por isso separamos essa seção para descrever as principais etapas desta pesquisa, a saber: realizamos, inicialmente, entrevistas semiestruturadas que foram gravadas e transcritas para posterior análise das narrativas dos discursos; escrevemos pequenas narrativas ou contos das trajetórias dos nossos entrevistados; partilhamos do dia a dia dos *slashers* que nos permitiram esse tipo de acesso; e, por fim, desenhamos possíveis rotas de suas trajetórias profissionais, apontando para um “mix metodológico” requisitado pelo próprio objeto.

Estávamos flexíveis quanto à metodologia e, por exemplo, com o próprio processo de descoberta do campo que também foi um desafio. O campo foi formado à medida que conversávamos com pessoas do nosso ciclo e, por indicação, tivemos alguns encontros com parte deles antes mesmo de iniciarmos a revisão de literatura, ainda em meados

de setembro de 2017, justamente para tentarmos compreender de forma exploratória o que estava pulsando entre trabalhadores que pareciam construir suas carreiras como um *slasher*. Contamos com a participação de seis entrevistados, cujos nomes fictícios são: Camila e Patrícia, em Fortaleza; e Felipe, Marcelo, Mariana e Joaquim, em São Paulo. Foram entrevistados três homens e três mulheres, com idades variando entre 29 e 50 anos.

Após transcrição e leitura flutuante no material coletado nas entrevistas, desenvolvemos contos sobre os entrevistados que tinham o duplo aspecto de: i) apresentar, em detalhes, as histórias dos nossos interlocutores sem perder a sensibilidade de discursos, muitas vezes, frios; e ii) como fonte de análise para a triangulação de dados entre literatura, falas e observações dos pesquisadores. Concluída essa etapa, prosseguimos com o desenho do mapa com as possíveis trajetórias profissionais dos *slashers* (Figura 1), a partir da inspiração cartográfica.

Particularmente, compreender a formação da subjetividade de trabalhadores a partir de suas experiências profissionais era tão complexo que acabamos por identificar no método cartográfico uma fonte de inspiração metodológica. Após aprofundamento sobre o tema, partimos para tentar observar o fenômeno *slash* do ponto de vista rizomático, conceito proposto por Deleuze e Guattari (1995, p. 14). Para eles, a lógica é que “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem”. Cintra *et al.* (2017, p. 45) argumentam que “o rizoma não se fecha sobre si, é aberto a experimentações, é sempre ultrapassado por outras linhas de intensidade que o atravessam” e, por isso, sentimos que estávamos encontrando novas rotas metodológicas na própria experiência e em fases diferentes da pesquisa.

A proposta de cartografar as trajetórias profissionais só foi possível com o suporte e atuação dos próprios *slashers*. A experiência da partilha, dos relatos de vida e

profissionais e dos locais escolhidos por eles para a realização das entrevistas foi por si uma mais valia deste trabalho. Avançando nessa perspectiva, Queiroz (1988, p. 15) afirma que o relato oral é uma “técnica útil para registrar o que ainda não se cristalizara em documentação escrita, o não conservado, o que desapareceria se não fosse anotado”. Serve, por exemplo, para captar o que não está explícito ou até mesmo o indizível. São histórias contadas com “relatos de fatos não registrados por outro tipo de documentação. [...] Buscando uma convergência de relatos sobre um mesmo acontecimento ou sobre um período de tempo” (Queiroz, 1988, p. 19).

Há, aqui, uma intenção necessária de dizer que não pretendemos supervalorizar o método cartográfico em relação a outros que também se debruçam sobre os relatos dos interlocutores, mas trazer para a discussão dos estudos organizacionais a possibilidade do entrecruzamento de saberes originários de outras disciplinas para a produção de conhecimento na área. Para nós, a inspiração cartográfica serviu para i) percebermos a não linearidade dos percursos profissionais; ii) as formações subjetivas e práticas em termos da construção da carreira *slasher*; e para iii) a “visualização gráfica” – como um mapa – das trajetórias profissionais dos *slashers*.

Ainda assim, o método cartográfico parece ser “novidade” entre pesquisadores organizacionais e, no Brasil, é utilizado principalmente pelas ciências da saúde coletiva, sociais e humanas, mas, fundamentalmente, em pesquisas que têm objetos complexos e que são produzidos a partir da subjetividade (Costa, 2014; Souza & Francisco, 2016; Richter & Oliveira, 2017). Utilizar a cartografia como inspiração metodológica é um desafio, mas a possibilidade que ela nos dá para transitar em diferentes áreas do conhecimento gera boas investigações (Griffin, Robinson & Roth, 2017).

Para este trabalho, muito mais do que apresentar as rotas possíveis dos *slashers* a partir do método cartográfico observado na figura 1, trazemos para a discussão as dimensões da PdT observadas no período dedicado à investigação do nosso objeto de

estudo. Iniciaremos abordando o que é “ser *slash*” para, em seguida, adentrar em algumas das dimensões abordadas pela PdT que circunscrevem as trajetórias profissionais dos *slashers*.

CARTOGRAFANDO AS TRAJETÓRIAS DOS SLASHERS: UM OLHAR SOBRE AS VIDAS PROFISSIONAIS DESSES TRABALHADORES

Esta seção diz respeito a apresentação, reflexão e discussão dos principais achados desta pesquisa. Entendemos ao longo da investigação que “ser *slash*” poderia ser uma condição situada no tempo-espaço e que essa dinâmica, em alguns casos, não definia alguns dos nossos entrevistados. Para além de “ser”, destacamos o “estar” como experiência dos *slashers*, passando a assumir a dupla condição de “ser/estar *slash*” em nossas análises.

Como mencionado, o mapa (Figura 1) foi construído a partir das narrativas dos *slashers* em relação as rotas de suas possíveis trajetórias profissionais. De modo geral, percebemos que a dinâmica *slash* era acionada após algum episódio de insatisfação no mundo do trabalho considerado tradicional, vivência de sofrimento, situações de conflito (**Rota A**). Depois disso, as próximas trajetórias não seguem uma sequência lógica, mas serão apresentadas em ordem para efeito de melhor compreensão.

Há um momento em que os *slashers* parecem escolher parar, viver um parêntese em suas trajetórias profissionais para se reconectar consigo. São nesses intervalos onde podem reconfigurar suas rotas (**Rota B**). Observamos, ainda, que essa dinâmica pode se apresentar para alguns sob a lógica de “se virar”, de fazer acontecer, porque precisam ganhar algum dinheiro e não tem muitas opções de escolha (**Rota C**). O campo das experiências e experimentações funcionam como um espaço criativo, onde esses sujeitos podem ser descobrir na prática (**Rota D**). E, por fim, mas sem qualquer pretensão de esgotamento ou finitude, é fundamental perceber como ocorrem os

processos identitários dos *slashers*, especialmente por considerar que eles acumulam e se apresentam em diferentes papéis profissionais (**Rota E**).

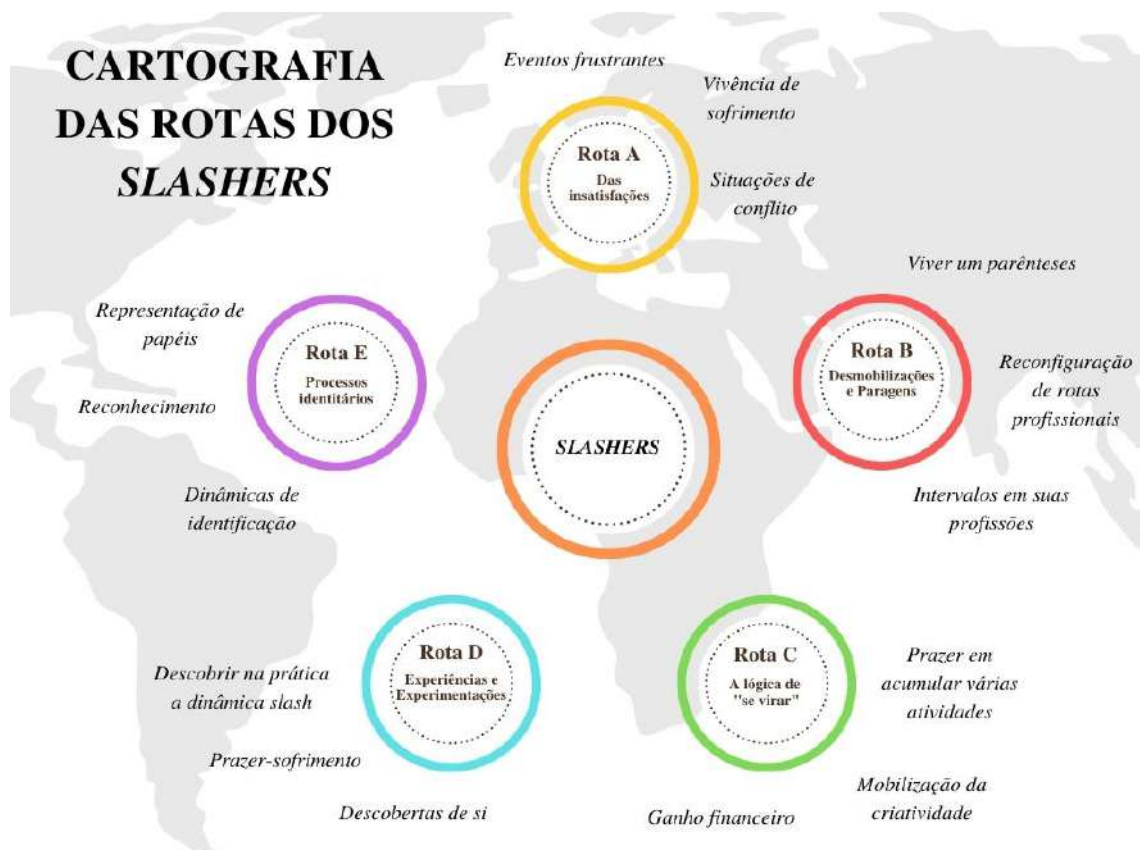


Figura 1. Cartografia das rotas dos slashers

Fonte: Elaboração própria.

Tais rotas ou trajetórias profissionais parecem apresentar conceitos que funcionam, em certos casos, como alternativas para os *slashers* em diferentes momentos de suas experiências profissionais. Agora, além dessa breve explicação sobre as possíveis rotas profissionais, acreditamos ser ainda mais fundamental conhecer nossos entrevistados por meio dos recortes realizados nos contos, facilitando a compreensão em relação as unidades de sentido que serão apresentadas posteriormente.

Destacamos, ainda, que essa abordagem "multi" da pesquisa – multidisciplinar, multimétodos, múltiplas rotas – é o que sustenta nossas análises sobre a produção de

dados desta investigação, inspirados pelo aspecto plural dos nossos interlocutores em suas jornadas de vida e profissionais. Falemos sobre os “nossos slashers”:

i) Camila Costa – a cobrança pela liberdade: Camila tem 35 anos, solteira, é publicitária/superintendente de cobrança/empreendedora de *startup*/cantora e mora sozinha em Fortaleza, mas nasceu em Acopiara, cidade do interior do estado do Ceará que possui, atualmente, pouco mais de 50 mil habitantes. Camila enfrenta o que tiver que enfrentar, inclusive as geografias da sua cidade e das emoções em busca do que deseja. Iniciou sua jornada profissional muito cedo no mundo da cobrança, justamente para conseguir pagar a faculdade e se sustentar. Hoje, sua única cobrança é continuar buscando sua liberdade e reinventar suas trajetórias quantas vezes forem necessárias.

ii) Felipe Melo – brindando as experiências da vida: Felipe tem 36 anos, solteiro, é publicitário/*sommelier* de cervejas e mora com os pais na cidade de São Paulo. Publicitário de formação, iniciou a sua vida acadêmica, primeiramente, no curso de Administração, mas rapidamente percebeu que era “criativo demais” para permanecer em um curso considerado tão exato. Cursar administração o deixou confuso, porque ele até que gostava das matérias exatas, mas no fundo sentia que não seria feliz fazendo isso, “eu precisava me expressar no que fazia”. O fato é que Felipe não conseguia se identificar nas falas dos professores do curso de Administração e quando começou a imaginar que teria que trabalhar em escritórios fechados não pensou duas vezes: largou o curso. Decidiu que queria mesmo era criar conceitos, artes e ampliar a sua paleta de cores sobre o que imaginava ser o trabalho de um publicitário. Entre idas e vindas nos ambientes de trabalho, em certo momento Felipe decidiu viver um parêntese em sua carreira publicitária para viver a experiência de um intercâmbio na Irlanda, onde conseguiu trabalhar com o que mais tem feito hoje: experienciar o mundo das cervejas.

iii) Marcelo Oliveira – da informática para as descobertas nos grãos de cafés:

Marcelo tem 40 anos, solteiro, é analista de sistemas de TI/micro digital *influencer*/empreendedor e mora sozinho em um famoso bairro de São Paulo. Marcelo é formado em Tecnologia da Informação (TI) e construiu a sua carreira como especialista em uma única área, foi analista de sistemas de grandes empresas, como: Secretaria da Fazenda, Oi e Polícia Civil em Fortaleza e Banco Nossa Caixa, Editora Abril e IBM em São Paulo. Até a experiência na IBM, considerado por ele como o “auge” da sua carreira na área de TI, Marcelo parecia conduzir as suas experiências profissionais com foco na estabilidade e progressão linear (Sant’anna; Kilimnik, 2009). Mas foi na IBM onde Marcelo começou a observar que poderia abrir o campo das possibilidades e experimentar outras áreas na expectativa de traçar novas rotas em sua carreira. Após vivenciar alguns episódios de insatisfação, Marcelo passou a dedicar seu tempo em planejar uma segunda atividade de trabalho no ramo de algo que sempre foi apaixonado: cafés.

iv) Mariana Sampaio – não deixa o samba morrer: Mariana tem 30 anos, solteira, é médica obstetra/cantora/professora de capoeira, natural de Vitória, mas mora em São Paulo. Ela cresceu ao som da viola do pai, um cirurgião-dentista que adorava “arranhar um samba” com os amigos em sua casa. E foi “brincando de cantar” que Mariana descobriu que poderia se profissionalizar na música. Mas foi em 2008, considerado por ela o seu principal ano, que tudo mudou: passou no vestibular para o curso de medicina na Universidade Federal do Espírito Santo e começou, quase simultaneamente, a cantar profissionalmente, oportunidade que surgiu em uma dessas brincadeiras de cantar com o pai, quando recebeu o convite do seu amigo de capoeira para montarem, juntos, a banda Bloco Black e começou a “levar os dois”. Lembrou, sorrindo, que havia “esquecido de falar sobre a capoeira em sua vida”. Além de se descobrir brincando, Mariana começou a se virar para conseguir conciliar atividades tão diferentes. Especificamente sobre a medicina e o canto, uma de suas estratégias para conseguir atuar como estudante e, ao mesmo tempo, cantora era utilizar as suas férias

na faculdade para cumprir com a agenda de shows do grupo. E assim ela fez nos anos de 2009, 2010 e 2011, realizando inúmeras viagens para países, como: Alemanha, Suíça, França e Portugal, deixando a música se estabelecer no campo do trabalho e ocupar uma dimensão onde já conseguia “fazer uma grana para o seu sustento”.

v) Joaquim de Oliveira – entre o luxo e as descobertas de si: O Joaquim tem 50 anos, casado, é piloto de avião/engenheiro civil/sócio de uma empresa que produz eventos para marcas de luxo (com foco em moda)/dono de uma pousada em Parati e mora em São Paulo. Apesar de ter atendido ao desejo do pai, Joaquim, nesse mesmo período, também se tornou piloto de avião, mas não demorou muito tempo para perceber que o prazer que ele sentia ao viajar de avião era diferente da experiência de pilotar uma aeronave, porque “viajar pode até ser legal, mas não quero fazer isso pilotando, não quero fazer isso como um trabalho, sabe?”. Decidiram, Joaquim e seu pai, que a melhor opção seria cursar engenharia civil. E traçar novas rotas não parecia ser uma dificuldade para Joaquim, que precisou ser flexível em diversos momentos de sua história de vida. Após experimentar a área, percebeu que precisava “fazer algo diferente” e, logo que conheceu seu atual sócio, resolveram abrir uma das maiores empresas de eventos de São Paulo, trabalhando, quase que exclusivamente, com marcas de luxo.

vi) Patrícia Morais – pelo direito de se descobrir na prática: “Meu nome é Patrícia, tenho 29 anos, sou advogada/especialista em direito e relações internacionais/trabalho na Cruz Vermelha/professora de inglês/tradutora/intérprete/cantora/barista”, foi exatamente assim, sem pausas, quase sem respirar, com inúmeras atividades entre as “barras” que Patrícia começou a conversa. Advogada de formação, Patrícia estagiou em uma grande indústria do Ceará e após esse período percebeu que “o direito limpo e seco não poderia mais ser uma possibilidade de vida e trabalho”. Entrou, ao que parece, em sua primeira “crise existencial sobre trabalho”, ainda cursando direito, mas sabia que precisava concluir essa etapa. Aos 19 anos, certa de que não queria viver da

advocacia em escritórios, começou a dar aulas de inglês por prazer e para “ganhar algum dinheiro”. Após a conclusão do curso, iniciou uma especialização em direito e relações internacionais, foi convidada para coordenar o curso de inglês do Christus Idiomas, começou a traduzir documentos e ser intérprete e, como uma grata surpresa, recebeu o convite para trabalhar na Cruz Vermelha. Além disso, a música também estava presente como pano de fundo desde o início, ainda com características de *hobby*, mas certa de que não largaria o canto e nem o desejo de se profissionalizar na área.

Conhecendo, brevemente, os *slashers* dessa pesquisa, propomos um olhar cuidadoso e detalhado sobre algumas das dimensões de análise e de nossas próprias interpretações a partir de tudo o que falamos até agora sobre o fenômeno *slash* à luz da PdT, guiados, ainda, pelas trajetórias cartografadas:

Ser/estar *slash* é... conciliar várias atividades ao mesmo tempo!

Acumular e praticar múltiplas atividades, horizontalizar as experiências profissionais, não ser mais o especialista que sabe tudo de um assunto só, alternar entre atividades que gostam e outras que precisam fazer (Ferreira; 2012; Eugenio, 2012; Alboher, 2012). Observamos que os nossos interlocutores perseguem essa dinâmica porque sentem prazer ao acumular várias atividades, pelo dinheiro que certa atividade pode render, porque precisam se virar, por interesse em participar de múltiplos processos ou por uma causa maior.

No entanto, a principal característica que “primeiro é vista” é o acúmulo de atividades, aparentemente, sem qualquer correlação. Camila, é publicitária/superintendente de cobrança/empreendedora, tem mais de 15 anos de experiência na área de cobrança sem, aparentemente, qualquer relação com a sua área de formação; Felipe é publicitário/*sommelier* de cervejas, iniciou a graduação em administração, mas logo

percebeu que poderia ser “mais feliz” na publicidade; Marcelo é analista de sistemas de TI/micro digital *influencer*/empreendedor, tem ampla experiência dentro de grandes corporações em Fortaleza e São Paulo; Mariana é médica/cantora/professora de capoeira e, apesar de ser capixaba, faz residência em obstetrícia e mora em São Paulo; Joaquim é sócio de uma empresa que promove eventos para marcas de luxo/dono de uma pousada em Parati, é graduado em engenharia civil e tem formação de piloto de avião; Patrícia é advogada/especialista em direito e relações internacionais/trabalha na Cruz Vermelha/professora de inglês/tradutora/intérprete/cantora e, apesar de múltiplas atividades, tem apenas formação em direito.

Camila, por exemplo, desde cedo parecia protagonizar o que pensava sobre a sua carreira, mas não se fechava para as mudanças que a vida poderia apresentar: “[aos 15 anos] eu tinha uma vontade de fazer jornalismo e era isso o que eu perseguia, eu queria ser jornalista, só que muitas coisas mudaram”. Igualmente, Felipe, que “desde moleque queria fazer publicidade, [...] mas acabei cursando administração por achar que teria mais possibilidades” de emprego.

Ser/estar *slash* é... Ter vivências de “prazer-sofrimento”!

É provável que a dimensão que desponta com maior frequência na dinâmica da carreira *slash* seja o par dialético “prazer-sofrimento” (Leclerc & Maranda, 2002). Camila disse que tinha prazer em conciliar as duas atividades de trabalho, mas, apesar disso, deixou escapar que o sofrimento existia por não conseguir atuar como gostaria no empreendedorismo, pois “era apenas mais uma sócia do negócio” e não tinha tanto tempo disponível para se dedicar a essa atividade. O seu emprego formal, por assim dizer, consumia boa parte do tempo e energias.

Mariana contou que o seu prazer estava em “*ser as duas coisas*”, mas sabia que não era “*uma exímia cantora*” e nem “*a melhor médica*”. Mesmo vivenciando com prazer essas

duas atividades, relatou que sofreu quando precisou cursar residência e trabalhar em São Paulo e conciliar com os ensaios e agenda de shows da banda em Vitória. Igualmente, Patrícia disse que tinha prazer em acumular as suas atividades, pensando, principalmente, que o inglês era uma *“forma de ganhar dinheiro fácil e com prazer”*. Mas sofreu, antes de ir para França, ao perceber que *“estava esgotada, estava fazendo um milhão de coisas e acabava que eu não estava concentrando no que eu queria”*, relatando o que parecia ser aspectos característico de *burnout*.

Ser/estar *slash* é... Utilizar a “sublimação” como “estratégia defensiva”!

A “sublimação” surge como mecanismo ou estratégia defensiva utilizada pelo trabalhador para transformar o sofrimento em prazer (Leclerc & Maranda, 2002). Camila, como vimos, relatou que vivenciava situações de prazer-sofrimento acumulando duas atividades de trabalho, mas como mecanismo de sublimação, disse que estava tomando essa experiência na *startup* para experimentar como funciona a dinâmica de ser empreendedora no Brasil e, posteriormente, iniciar um projeto autoral, inclusive com a possibilidade de iniciar novos empreendimentos na área digital.

Antes de ir para a França, Patrícia sofreu ao dizer *“que estava esgotada, estava fazendo um milhão de coisas e acabava que eu não estava concentrando no que eu queria”*, e decidiu parar e se reencontrar nessa temporada fora do Brasil como estratégia defensiva diante do sofrimento vivenciado em suas atividades de trabalho. Joaquim, ao emparelhar suas ideologias sustentáveis com o negócio da sua empresa, qual seja o mercado de consumo desenfreado de moda e luxo, sofreu e disse que precisava sair desse contexto para se redescobrir como homem e, também, como profissional. Ficou dois anos nos Estados Unidos e outros dois em Parati/Rio de Janeiro, quando começou a empreender no ramo de pousadas e encontrar uma nova forma de conduzir a sua carreira *slash*.

Ser/estar *slash* é... Ser “reconhecido” em suas múltiplas “identidades” profissionais!

O “reconhecimento” e a “identidade” parecem funcionar numa relação muito próxima. Os *slashers* são sujeitos que desejam ter reconhecimento prático, no que diz respeito ao que pode ser gerado e produzido a partir de suas atividades, mas também simbólico, no sentido de compensação ou retribuição, refletindo num suposto desejo de serem identificados “como tais” a partir do próprio reconhecimento sobre as atividades-fim.

Uma das entrevistadas de Eugenio (2012), nomeadamente a médica/escritora, se identificava com as duas atividades e queria ser reconhecida de forma satisfatória em ambas, caso semelhante ao que percebemos nos relatos partilhados por Mariana, que disse ser *“médica e quero ser reconhecida como tal, mas também sou cantora e quero ser vista assim. Uma atividade não interfere na outra”*. Ambas procuravam ser aprovadas com as suas identidades profissionais reconhecidas pelos outros.

É possível, ainda, que as dimensões de “reconhecimento” e “identidade” tragam aspectos de “prazer-sofrimento” e alternem os seus sentidos à medida que o sujeito vivencia as suas experiências. Sobre isso, Patrícia contou que *“na nossa sociedade, ainda hoje, as pessoas têm a necessidade de definir a pessoa como uma coisa só: Patrícia é médica ou Patrícia é advogada”*. E essa confusão parece mexer com ela, principalmente, em duas situações específicas. A primeira é *“quando você vai num banco ou algo do tipo e perguntam a sua profissão, você responde o que? Cinco coisas?”* e a segunda, agora num contexto social, *“quando você chega numa roda de amigos e a pessoa pergunta o que você faz da vida: lá vão cinco anos pra explicar”*.

Ser/estar *slash* é... Utilizar as “inteligências” no fazer prático!

Dejours (2012a) discorre sobre os tipos de inteligências do trabalhador no contexto laboral, como: (i) inteligência no trabalho; (ii) inteligência mobilizada; (iii) inteligência astuciosa; (iv) inteligência do corpo; e (v) inteligência prática. Especificamente sobre (i) a inteligência no trabalho, Dejours (2012a, p. 37) afirma que alguns trabalhadores conseguem modelar as suas habilidades profissionais “a partir do esforço para a superação dos obstáculos que o mundo” coloca como desafio; igualmente a (ii) inteligência mobilizada, inteligência que inventa, [...] inteligência criativa (Dejours, 2012a, p. 40).

Para Dejours (2004, p. 28), “o trabalho é compreendido como o saber-fazer, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações; é o poder de sentir, de pensar e de inventar” que parecem mover Camila em seus percursos. Sua história revela a força e a inventividade de uma mulher que precisou elaborar estratégias para enfrentar o mercado, *“porque pra mim as coisas tinham que ter muito sentido pra trabalhar e tal. Eu nunca fui muito de executar, então eu me envolvia em tudo, eu me envolvia na parte de treinamento e de desenvolvimento das pessoas, eu me envolvia na parte de gestão, me envolvia na parte de atendimento, de recepção das pessoas que chegavam na empresa e não exatamente só naquilo que era me dado como objetivo do meu trabalho”*.

Observamos, em diferentes etapas da pesquisa, sujeitos que ressignificam para dar sentido ao trabalho, na expectativa de reduzirem os danos ocasionados a sua saúde física e mental (Moraes, 2013). Quando Felipe decidiu passar um tempo na Irlanda para, inicialmente, aprender inglês, precisou se virar e muito, *“lá eu fui faxineiro, trabalhei em bar, [...] fazia outros bicos em fábricas, trabalhei com faxina e várias coisas, mas meu trabalho fixo que me dava mais grana era o bar”*; tudo isso para continuar vivenciando essa experiência.

Marcelo sonhava em rentabilizar o seu site através de posts patrocinados, então *“quando saí da área de vendas [da IBM], acabei trazendo o que aprendi pra dentro do site e tive que aprender marketing para criar campanhas e divulgar ainda mais o meu negócio. [...] Tenho que me virar nos trinta”*. Além disso, como conseguiu fazer um acordo com a IBM e receber os direitos trabalhistas, precisou se virar e reorganizar o seu cotidiano para controlar melhor os gastos, passando a cozinhar a sua própria comida, por exemplo, porque *“o dinheiro vai acabando, né? [...] Tá dando pra me manter, mas a gente abre mão de um monte de coisa, [...] eu ia três vezes ao cinema, agora baixo filme e assisto em casa. Tem muita coisa que a gente vai ajustando”*.

Ser/estar *slash* é... Ter “zelo” como parte do “trabalho vivo”!

Para Dejours (2012b, p. 364), “zelo” trata-se da “inteligência que permite inventar soluções com o objetivo de anular a distância que se abre entre o prescrito e o real”. Separamos essa dimensão da seção que fala sobre “inteligências”, justamente, para demonstrar a força que o “zelo” representa na dinâmica *slash*. Sujeitos que entendem que precisam inventar e colocar algo de si dentro do trabalho para que ele funcione. E isso “não é outra coisa senão o trabalho vivo” (Dejours, 2012b, p. 364).

Patrícia, ao retornar do período em que esteve fora, entendeu que precisava se reencontrar e se recolocar dentro de suas atividades de trabalho. Por isso, pensava em diminuir o ritmo de atividades e *“afunilar, quero me concentrar mais em algo que eu goste. [...] Quero me dedicar ao direito e relações internacionais”*, lembrando que esse poderia ser o seu ponto central e, a partir dele, acumular outras atividades.

Para o trabalho de Joaquim “dar certo”, contou que precisou se reinventar e elaborar estratégias para atravessar alguns conflitos ideológicos. Ele aprendeu sobre a sustentabilidade ainda como estudante de engenharia e hoje defende inúmeras causas ambientais, mas trabalha em uma empresa de *“moda e luxo, imagina! Trabalho pra*

marcas que produzem [cada vez mais itens]" em um contexto em que tem percebido que o mundo precisa "consumir menos" e reutilizar o que já possui. Atualmente, vivencia menos conflitos, porque conseguiu imprimir o seu jeito e quem ele é em todas as suas atividades de trabalho.

Ser/estar *slash* é... Enfrentar situações de "carga e descarga psíquica" no contexto laboral!

Guimarães-Junior (2017, p. 38) ao afirmar que "o trabalho deve, portanto, possibilitar a formação da identidade do trabalhador e a descarga de suas pulsões, estabelecendo o equilíbrio e a saúde mental" para que esse sujeito consiga "sobreviver", no sentido de permanecer, no ambiente laboral. Felipe "surtou" ao encarar o seu ex-chefe que aumentou apenas R\$ 100,00 do seu salário de estagiário para efetivo, passando a receber R\$ 400,00/mês. Quando recebeu essa proposta, parou o que estava fazendo e começou a *"rir na cara dele, dizendo: cara, você sabe quanto meu pai investiu na minha faculdade"*.

Como nem tudo é tão bonito quanto parece ser para os *slashers*, Patrícia disse não ter cuidado da mente ao acumular tantas atividades de trabalho, aliás, *"o homem esquece de cuidar da mente, já que pensa que acumular diversas atividades pode atacar apenas o seu estado físico. E foi isso o que aconteceu comigo, um esgotamento semelhante ao burnout. [...] estava fazendo um milhão de coisas e acabava que eu não estava concentrada no que eu queria, eu precisava de um tempo para mim."*

Marcelo também relatou que vivenciava, constantemente, situações de pressão no trabalho, principalmente, porque trabalha com metas na área de vendas. Disse que *"no final do dia eu estava uma pessoa louca. No final do mês, se eu não batesse as minhas metas, tinha vontade de enfiar uma faca no meu peito"*, revelando que o trabalho,

nesse caso, exercia forte sobrecarga psíquica e Marcelo, que ainda estava se descobrindo nessa área, tentava encontrar formas de canalizar esses sentimentos.

REFLEXÕES FINAIS SOBRE TUDO ISSO

Este trabalho teve como principal objetivo *compreender, à luz da Psicodinâmica do Trabalho, as características das dimensões que circunscrevem as trajetórias profissionais dos slashers na contemporaneidade*, tomando como ponto de partida a seguinte questão orientadora: *como são construídas as trajetórias profissionais dos slashers à luz da Psicodinâmica do Trabalho?* O desafio se deu, especialmente, na tentativa de analisar os discursos e as trajetórias profissionais de trabalhadores contemporâneos do ponto de vista de suas subjetividades e outras complexidades.

A partida, este estudo indica a prossecução da centralidade do trabalho na vida do homem (Kantorski, 1997; Antunes, 2009; Dejours & Deranty, 2010; Alcadipani & Medeiros, 2016), mas que não se resume, no contexto do fenômeno *slash*, apenas a situações de “prazer”. Há um conjunto de dimensões e significados que se relacionam com as suas vivências, histórias, sentimentos e múltiplas experiências no contexto do trabalho.

É nesse sentido que colocamos o que julgamos ser os principais achados: (i) “nem tudo é tão bonito quanto parece ser”, pois os *slashers* não acionam apenas a dimensão do prazer ao acumular mais de uma atividade de trabalho. Há muito sofrimento, ansiedade e situações de conflito nesse processo. É preciso aprofundar e desmistificar a *glamourização* que parte da literatura discorre sobre a temática; e (ii) o trabalho como fonte de prazer-sofrimento, sublimação, estratégias defensivas, reconhecimento, identidade, inteligências, zelo, carga e descarga psíquica, revelando a importância de considerar as dimensões de conteúdo abordadas por Dejours para tentar compreender a relação homem-trabalho na contemporaneidade.

Acreditamos, ainda, que nossa pesquisa contribui para a compreensão do fenômeno *slash* na contemporaneidade, especialmente por revelar aspectos pouco *glamourizados* de realidades particulares, mas que podem servir para a compreensão de contextos mais amplos. Desafiamos, ainda, as produções acerca da dinâmica *slash* a confrontarem suas perspectivas que, a princípio, dão ênfase em aspectos puramente positivos, como: a) o prazer em acumular múltiplas atividades; b) se descobrir “brincando” de experimentar; e c) eles podem fazer tudo o que quiserem, ampliando o olhar, principalmente, para os aspectos das subjetividades desse fenômeno.

A inspiração cartográfica e a lente teórica da PdT foram fundamentais para nos ajudar a perceber tais aspectos ligados às subjetividades desses trabalhadores. Observamos, por exemplo, que ser/estar *slash* é: conciliar várias atividades ao mesmo tempo; é ter vivências de prazer-sofrimento; é utilizar a sublimação como estratégia defensiva; é ser reconhecido em suas múltiplas atividades profissionais; é utilizar as inteligências no fazer prático; é ter zelo como parte do trabalho vivo; é enfrentar situações de carga e descarga psíquica no contexto laboral.

Por fim, concluímos a escrita com a expectativa de termos despertado os pesquisadores organizacionais para as múltiplas possibilidades do entrecruzamento de saberes de outras disciplinas do conhecimento para a compreensão de fenômenos contemporâneos. A falta de um aprofundamento sobre as questões sociais dos *slashers* é ao mesmo tempo uma das principais limitações deste trabalho, como sugestão para a consideração em estudos futuros. Esta investigação nos despertou para outras formas de construções de subjetividades em trabalhadores, especialmente as que estão ligas aos valores do empreendedorismo de *startups*, o empreendedorismo de palco e outras configurações simbólicas dessas organizações contemporâneas.

REFERÊNCIAS

Alboher, Marci (2012). *One person/multiple careers: the original guide to the slash careers*. New York: Heymarci.

Alcadipani, Rafael & Medeiros, Cintia R. O. (2016) O herói-envergonhado: tensões e contradições no cotidiano do trabalho policial. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, 10(2), 134-153.

Almeida, Maria I. M., Eugenio, Fernanda, & Bispo, Raphael (2016). Das solidões deliberadas às desmobilizações táticas: rastreamento descritivo de um processo de pesquisa. In Maria I. M. Almeida (Org.). *Cartografias da paragem: desmobilizações jovens contemporâneas e o redesenho das formas de vida* (pp. 11-20). Rio de Janeiro: Gramma.

Amaral, Grazielle A., Mendes, Ana M. B., Chatelard, Daniela S., & Carvalho, Isalena S. (2017). O lugar do conceito de sublimação na Psicodinâmica do Trabalho. *Revista Polis e Psique*, 7(3), 200-223.

Antunes, Ricardo (2009). As configurações do trabalho na sociedade capitalista. *Revista Katálysis*, 12(2), 131-132.

Arruda, Katia M. (2011). As transformações no mundo do trabalho e suas repercussões no Brasil atual. *Revista de Informação Legislativa*, 48(191), 61-70.

Assis, Daniela T. F. & Macedo, Kátia B. (2008). Psicodinâmica do Trabalho dos músicos de uma banda de Blues. *Revista Psicologia & Sociedade*, 20(1), 117-124.

Barros, Paloma C. R. & Mendes, Ana M. (2003). Sofrimento psíquico no trabalho e estratégias defensivas dos operários terceirizados da construção civil. *Psico USF*, 8(1), 63-70.

Cintra, Amanda M. S., Mesquita, Luana P., Matumoto, Silvia, & Fortuna, Cinira M. (2017). Cartografia nas pesquisas científicas: uma revisão integrativa. *Fractal, Revista de Psicologia*, 29(1), 45-53.

Cohen, Marina (2012). *Eles fazem de tudo: conheça a "slash generation"*. Acesso em 18 agosto, 2020, de: <http://oglobo.globo.com/cultura/megazine/eles-fazem-de-tudo-conheca-slash-generation-3949440>.

Costa, Luciano B. (2014). Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista digital do LAV*, 7(2), 66-77.

Dashtipour, Parisa & Vidaillet, Bénédicte (2017). Work as affective experience: the contribution of Christophe Dejours 'psychodynamics of work'. *Organization*, 24(1), 18-35.

Debout, Frédérique (2014). Quelques éléments de la théorie psychodynamique du travail. *Champ Psy*, 65, 11-26.

Dejours, Christophe (2012a). *Trabalho Vivo (Tomo 1): Sexualidade e Trabalho*. Brasília: Paralelo 15.

Dejours, Christophe (2012b). Psicodinâmica do Trabalho e Teoria da Sedução. *Psicologia em Estudo*, 17(3), 363-371.

Dejours, Christophe (2007). Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In Jean-François Chanlat (Org.). *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas. volume 1* (pp. 150-173). São Paulo: Atlas.

Dejours, Christophe (2005). *O fator humano*. Rio de Janeiro: FGV.

Dejours, Christophe (2004). Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção, 14*(3), 27-34.

Dejours, Christophe (1999). *Conferências brasileiras*. São Paulo: Fundap/Eaespp.

Dejours, Christophe (1992). *A loucura do trabalho*. São Paulo: Cortez.

Dejours, Christophe & Deranty, Jean-Philippe (2010). The Centrality of Work. *Critical Horizons: A Journal of Philosophy and Social Theory, 11*(2), 167-180.

Deleuze, Gilles & Guattari, Felix (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (5 volumes). São Paulo: Editora 34.

Diogenes, Glória (2016). Variações e conexões nas profissões de Tamara Alves: experimentar, borrar, sujar, brincar e criar. In Vítor Ferreira (Org.). *Novas "profissões de sonho" entre jovens* (s.p.). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais (no prelo).

Eugenio, Fernanda (2012). Criatividade situada, funcionamento consequente e orquestração do tempo nas práticas profissionais contemporâneas. In José M. Pais & Maria I. M. Almeida (Org.). *Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais* (pp. 210-258). Rio de Janeiro: Zahar.

Ferreira, Vitor S. (2012). Das belas-artes à arte de tatuar: dinâmicas recentes no mundo português da tatuagem. In José M. Pais & Maria I. M. Almeida (Org.). *Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais* (pp. 56-112). Rio de Janeiro: Zahar.

Ferreira, João B. & Macedo, Kátia B. & Martins, Soraya R. (2015). Real do trabalho, sublimação e subjetivação. In Janine K. Monteiro, Fernando O. Vieira, Ana M. Mendes (Orgs.). *Trabalho & Prazer: Teoria, pesquisas e práticas* (pp. 33-50). Curitiba: Juruá.

Ferreira, João B. O. & Martins, Soraya R. & Vieira, Fernando O. (2016). Trabalho vivo como apropriação no inapropriável e criação de formas de vida. *Revista Trabalho (En)Cena*, 1(1), 29-49.

Ferreira, João B. & Mendes, Ana M. (2012). A sabedoria prática: estudo com base na Psicodinâmica do Trabalho de criação literária. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 12(2), 141-154.

Godoi, Christianne K. & Mello, Rodrigo B. & Silva, Anielson B. (2006). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva.

Gomes Júnior, Admardo B., Lopes, Fernanda T., & Guimarães, Ludmila V. M. (2015). Diálogos sobre o trabalho humano: perspectivas clínicas de pesquisa e intervenção. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 2(5), 736-755.

Griffin, Amy L. & Robinson, Anthony C. & Roth, Robert E. (2017). Envisioning the future of cartographic research. *International Journal of Cartography*, 3(sup.1), 1-8.

Guimarães-Junior, Edward H. (2017). *Modelo de gestão: uma proposição baseada na Psicodinâmica do Trabalho*. Tese de doutorado, Pontífica Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Brasil.

Kanan, Lilia A. & Arruda, Marina P. (2013). A organização do trabalho na era digital. *Estudos de Psicologia*, 30(4), 583-591.

Kantorski, Luciane P. (1997). As transformações no mundo do trabalho e a questão da saúde: algumas reflexões preliminares. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 5(2), 5-15.

Leclerc, Chantal & Maranda, Marie-France (2002). The Psychodynamics of Work: action research in an academic setting. *Canadian Journal of Counselling*, 36(3), 194-210.

Lima, Suzana C. C. (2012). O trabalho do cuidado: uma análise psicodinâmica. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 12(2), 203-216.

Marx, Karl (1998). *O Capital*. São Paulo: Nova Cultural.

Moraes, Rosângela D. (2013). Estratégias defensivas. In: Vieira, Fernando O., Mendes, Ana M., Merlo, Álvaro R. C. (Orgs.). *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho* (pp. 153-159). Curitiba: Juruá.

Oleto, Alice F.; Melo, Marlene C. O. L., Lopes, Ana L. M. (2013). Análise bibliométrica da produção sobre prazer e sofrimento no trabalho nos encontros da Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração (2000-2010). *Psicologia Ciência e Profissão*, 33(1), 60-73.

Pereira, Otaviano (1990). *O que é teoria*. São Paulo: Brasiliense.

Richter, Indira Z. & Oliveira, Andréia M. (2017). Cartografia como metodologia: uma experiência de pesquisa em Artes Visuais. *Revista Paralelo 31, 8*, 28-38.

Romagnoli, Roberta C. (2009). A cartografia e a relação pesquisa e vida. *Psicologia & Sociedade, 21(2)*, 166-173.

Silva, Rafaela G. (2017). *O fenômeno dos conflitos nas relações sociais de trabalho em organizações públicas no contexto da nova gestão pública: um estudo na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Brasil.

Silva, Raquel V. S., Deusdedit-Junior, Manoel, & Batista, Matilde A. (2015). A relação entre reconhecimento, trabalho e saúde sob o olhar da Psicodinâmica do Trabalho e da Clínica da Atividade: debates em psicologia do trabalho. *Revista Interinstitucional de Psicologia, 8(2)*, 415-247.

Sousa, Juliana C. & Batista-dos-Santos, Ana C. (2017). A psicodinâmica do trabalho nas fases do capitalismo: análise comparativa do taylorismo-fordismo e do toyotismo nos contextos do capitalismo burocrático e do capitalismo flexível. *Revista Ciência Administrativa, 23(1)*, 186-216.

Souza, Severino R. & Francisco, Ana (2016). O método da cartografia em pesquisa qualitativa: estabelecendo princípios, desenhando caminhos. *Investigação Qualitativa em Saúde, 2(1)*, 811-820.

Sznelwar, Laerte I., Uchida, Seiji, & Lancman, Selma (2011). A subjetividade no trabalho em questão. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, 23(1)*, 11-30.

CARTOGRAFIA DAS TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS DOS *SLASHERS* NA CONTEMPORANEIDADE À LUZ DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO

Resumo

O fenômeno *slash* refere-se a uma geração de profissionais que acumula e pratica diversas atividades, como: publicitário/escritor/chefe de cozinha. Nesta pesquisa, cujo objetivo principal é compreender as características que circunscrevem as trajetórias profissionais dos *slashers* na contemporaneidade, à luz da Psicodinâmica do Trabalho, conduzimos uma investigação estritamente qualitativa. Inspirados pelo método cartográfico, mapeamos as trajetórias profissionais de 06 *slashers*, de setembro/2017 a janeiro/2019. Como resultados, cartografamos um mapa com suas possíveis rotas profissionais, além de perceber que (i) “nem tudo é tão bonito quanto parece ser” e (ii) o funcionamento da dimensão trabalho como fonte de prazer-sofrimento, sublimação, estratégias defensivas, reconhecimento, identidade, inteligência, zelo, carga e descarga psíquica.

Palavras-chave

Fenômeno *slash*. Psicodinâmica do Trabalho. Carreira.

CARTOGRAFÍA DE LAS TRAYECTORIAS PROFESIONALES DE LOS SLASHERS EN LA ÉPOCA CONTEMPORÁNEA A LA LUZ DE LA PSICODINÁMICA DEL TRABAJO

Resumen

El fenómeno del *slash* se refiere a una generación de profesionales que acumulan y practican diversas actividades, como: publicitario / escritor / chef. En esta investigación, cuyo principal objetivo es comprender las características que circunscriben las trayectorias profesionales de los *slashers* en la época contemporánea, a la luz de la Psicodinámica del Trabajo, realizamos una investigación estrictamente cualitativa. Inspirándonos en el método cartográfico, mapeamos las trayectorias profesionales de 06 *slashers*, desde septiembre/2017 hasta enero/2019. Como resultado, mapeamos un mapa con sus posibles rutas profesionales, además de darnos cuenta de que (i) “no todo es tan bello como parece” y (ii) la dimensión laboral como fuente de placer-sufrimiento, sublimación, estrategias defensivas, reconocimiento, identidad, inteligencia, celo, carga y descarga psíquica.

Palabras clave

Fenómeno de barra. Psicodinámica del trabajo. Carrera.

CARTOGRAPHY OF SLASHERS PROFESSIONAL TRAJECTORIES IN CONTEMPORANEITY IN THE LIGHT OF THE WORK PSYCHODYNAMICS

Abstract

The *slash* phenomenon refers to a generation of professionals who accumulate and practice various activities, such as: advertising/writer/chef. In this research, whose main objective is to understand the characteristics that circumscribe the professional trajectories of *slashers* in contemporary times, in the light of Psychodynamics of Work, we conducted a strictly qualitative investigation. Inspired by the cartographic method, we mapped the professional trajectories of 06 *slashers*, from September/2017 to January/2019. As a result, we mapped a map with its possible professional routes, in addition to realizing that (i) "not everything is as beautiful as it seems" and (ii) the work dimension as a source of pleasure-suffering, sublimation, defensive strategies, recognition, identity, intelligence, zeal, psychic charge and discharge.

Keywords

Slash phenomenon. Psychodynamics of Work. Career.

CONTRIBUIÇÃO

Eduardo Lima

O autor declara que o texto é oriundo da dissertação de mestrado, tendo sido responsável pela com revisão bibliográfica, redação do manuscrito e análise em conjunto com as demais autoras.

Ana Cristina Batista dos Santos

A autora declara que foi responsável pela orientação de todas as fases da pesquisa que originou o manuscrito e análise dos dados coletados em campo.

Patrícia Passos Sampaio

A autora declara que realizou análise dos dados e revisão do manuscrito.

AGRADECIMENTOS

-

DECLARAÇÃO DE INEDITISMO

Es autores declaram que a contribuição é inédita.

CONFLITO DE INTERESSES

Es autores declaram não haver conflito de interesses.

COMO CITAR ESTA CONTRIBUIÇÃO

Lima, Eduardo, Santos, Ana C. B., & Sampaio, Patrícia P. (2021). Cartografia das trajetórias profissionais dos slashers na contemporaneidade à luz da psicodinâmica do trabalho. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 8(23), 634-671.